

“Esse um que só o dois inaugura”: Alice Ruiz e os anos 1970.

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel
Doutoranda em História
IFCH/Unicamp

Resumo:

Esta pesquisa busca compreender a experiência de Alice Ruiz em sua geração nos anos 1960 e 70, na constituição de si e na construção de sua subjetividade. Sua geração revolucionou os códigos morais, os costumes e a visão sobre a sexualidade, propondo novas formas de interpretações do mundo. Foi a geração do Maio de 68, da luta contra a ditadura, das mulheres por seus direitos e contra a misoginia. Em seus relatos, no entanto, há um sentimento de solidão que ela atribui a um idealismo muito grande de uma parte de sua geração que não só sonhou e atuou em nome da mudança, mas que também sentiu o gosto da desilusão. Para Foucault, a experiência é uma maneira de pensar, que pode e deve ser analisada e historicizada. Nesse sentido, a visão que temos de nossa geração faz parte também de uma construção subjetiva e da compreensão do que somos no presente. Um resumo deste artigo foi apresentado no XVIII Encontro Regional da ANPUH de São Paulo em julho de 2006.

*“sentindo
com pressa
cada pedaço
carrega
um peso
o caminho”
(Ruiz, 1984:84)*

Em diversas entrevistas, falas e textos de pessoas que viveram sua juventude nos anos 1960 e 70, podemos verificar freqüentemente o pertencimento à geração como forma de identidade. Nesses tempos em que muitos de nós nos deparamos com o fim das ilusões políticas, nos perguntamos o que terá acontecido com os sonhos vividos pelos guerrilheiros, estudantes, poetas, músicos e artistas que queriam mudar o mundo, tornando-se um mito para as gerações seguintes?

*O primeiro passo é o seguinte:
Nasce da guerra, da demolição
E assim viemos nós, vida improvisada
Apocalípticos arautos da explosão
E entre mortos e feridos, todos viajaram
Todos percorreram a mesma canção
Juventude transviada do século vinte*

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo . Esse um que só o dois inaugura: Alice Ruiz e os anos 1970.. Labrys.

Estudos Feministas (Online), Brasília - DF, v. 9, 2006.

*Os anjos incautos da expressão
Stone washed, blue dreams..*

*E essas pedras que rolaram
No nosso caminho
É que desbotaram a nossa emoção
E agora ficou difícil
Fazer com que a pedra lave
Todo o blue jeans da minha geração
(Moreno; Hecker, 1994)*

Eu disse mito? Pois é... esse é o grande perigo da generalização que tendemos a fazer sobre a juventude daqueles anos, como veremos em seguida.

O conceito de “geração” deve sempre ser utilizado com os devidos cuidados, não como uma padronização de medida temporal fixa, como aponta Jean-François Sirinelli (Sirinelli, 1998), mas como um fator elástico, uma escala móvel do tempo que pode variar segundo o setor estudado pelo historiador (econômico, social, político ou cultural), já que é um fator marcado, antes de qualquer coisa, pela noção de acontecimento.

Nesse sentido, é importante nos reportamos também às questões levantadas por Irene Cardoso sobre o tema. A autora chama a atenção ao perigo de se congelar em uma unidade imaginária, como “geração 68” ou “geração anos 60” as mudanças decorrentes do movimento histórico de uma geração, onde a escolha de um denominador comum tende a retirar sua historicidade, construindo um processo mítico e uma identidade heróica que se tornariam um peso para as gerações posteriores (Cardoso, 2005:93). Cardoso aponta que de fato houve um traço característico nos diversos movimentos que se entrecruzaram nos anos 1960¹: a transgressão dos valores estabelecidos “*não no sentido de uma pura negatividade, ou de uma negação absoluta dos limites estabelecidos, mas de um movimento que os atravessa afirmando novos limites*” (Cardoso, 2005:94).

Para a autora,

A experiência da revolta constitui-se nesse momento histórico dos anos de 1960 como movimento de negação e de abertura. Atravessar os limites estabelecidos era negar o poder que faz a guerra, que extermina populações, que tortura, que produz o racismo e o sustenta, que transfigura em terror de Estado sob o capitalismo, mas também sob o socialismo real. Negar o poder que é a violência, que petrifica as instituições. Como movimento, era também projeção de um dado futuro (um novo horizonte, novos limites) que não se

¹ Para citar alguns dos movimentos de expressão política e/ou contracultural citados pela autora: as manifestações contra a guerra do Vietnã; lutas contra discriminação racial; manifestações estudantis nos EUA e em diversos países do mundo, incluindo Brasil; o “maio de 68” na França e a Primavera de Praga. A autora também cita, em parte nos anos 1970, as transformações provocadas pelo feminismo; a liberação sexual; as modificações na estrutura da família; a entronização do modo jovem de ser como estilo de vida; os movimentos ecológicos e a flexibilização da hierarquia entre muitos outros.

fixava em uma recusa, mas projetava ideais de liberdade. Movimento nomeado de diversos modos, que indicavam concepções teóricas e práticas não homogêneas e mesmo conflitantes, as lutas de libertação, as lutas antiautoritárias, as lutas “revolucionárias” [...] tinham em comum o questionamento da situação do presente e o objetivo de uma transformação social. (Cardoso, 2005:96)

Ao olhar para a juventude dos anos 1960 e 70, o que procuro são os discursos praticados em alguns de seus múltiplos movimentos, em especial no Brasil, e dessas “experiências de revolta” como acontecimentos discursivos, no sentido foucaultiano, ou seja, os discursos em sua materialidade, como significantes, lembrando que *a História constitui um dentre uma série de discursos a respeito do mundo. Embora esses discursos não criem o mundo (aquela coisa física na qual aparentemente vivemos), eles se apropriam do mundo e lhe dão todos os significados que têm* (Jenkins, 2001:23).

Assim, o que busco neste artigo, é compreender como esses anos e o entrecruzamento desses diversos discursos se somaram às experiências e a construção da subjetividade da poeta e compositora Alice Ruiz, personagem de minha pesquisa de doutorado. O título deste artigo foi retirado de um conto publicado na revista *Marie Claire*, em 1995, onde a poeta dizia:

*Estava numa idade em que a parte pensante de sua geração apenas olhava para dentro de si e a parte que sentia, sentia muito. Todos sentindo muito não compartilhar, mas preferindo a trilha de um sozinho: esse **um** que só o **dois** inaugura. (Ruiz, 1995)*

Nas muitas conversas e entrevistas que tive com Alice, desde que a escolhi como personagem, me surpreendeu sempre sua coerência entre ação e enunciado, não só em sua vida como também em sua poética. Seus poemas são parte de sua biografia, há neles uma estética que ela busca incessantemente:

Não tem personagem nenhum, é onde eu sou mais eu. Mas aí é que está, é uma parte de você, talvez a melhor parte, aquela parte que fica, vamos dizer, acima, além das corriqueiras do dia a dia, que fica além das questões pessoais, mesmo. Aquele nosso lado cujo compromisso principal é com a beleza e com a verdade, não a verdade no sentido corriqueiro, mas o que há de verdade em cada um que é universal. (Ruiz, 2005)

Esse processo de construção de si tão próximo do proposto por Foucault como uma estética da existência, é referenciado por Alice pelo conhecimento da contracultura, cujos primeiros reflexos em “grande escala” desponta no Brasil com o Tropicalismo.

Para entender esse processo é imprescindível a leitura da tese de doutorado de Heloísa Buarque de Hollanda, *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde - 1960/70*, recentemente republicado, que traz um significativo balanço da cultura brasileira nos anos 1960 e 70, mostrando também claramente os conflitos entre as diversas “expressões de rebeldia”, em

especial no campo da literatura e da canção. Dos diversos livros escritos sobre o tema, é este que vamos acompanhar neste artigo para a compreensão destes *anos loucos* na construção de si de Alice Ruiz.

O CPC (Centro Popular de Cultura) foi criado em 1962 com a legenda “fora da arte política não existe arte popular”. Acreditando na revolução operária, trazendo como referências os países socialistas, a arte para este grupo deve ser um instrumento de tomada de poder, estando fortemente vinculada à sociedade. No entender desse grupo, cabia aos artistas três opções: a *alienação*, onde o artista estaria a serviço da superestrutura social e do “sistema”, o *inconformismo*, típico dos intelectuais que se prestavam a uma revolta dispersiva, e a opção *revolucionária conseqüente* (logicamente a adota pelo CPC), onde os artistas se colocavam ao lado do povo, optando por *ser* povo. Nessa última opção, caberia ao artista transformar sua linguagem para ser compreendido pelas massas. No entanto esse poeta revolucionário, na avaliação de Heloísa, na ação de adotar uma linguagem que não era a sua, fazia com que abandonasse sua maior força e instrumento de trabalho: a palavra poética. E ainda o CPC,

ao reivindicar para o intelectual um lugar ao lado do povo, não apenas se fazia paternalista, mas termina – de forma ‘adequada’ à política da época – por escamotear as diferenças de classes, homogeneizando conceitualmente uma multiplicidade de contradições e interesses. A necessidade de um ‘laborioso esforço de adestramento às sintaxes das massas’ deixa patente as diferenças de classe e de linguagem que separam intelectual e povo. (Hollanda, 2004:23)

É interessante notar que o discurso nacionalista e populista, ainda presente em diversos setores da arte e da política brasileira, será integrado a seguir pela ditadura, nos anos mais difíceis do golpe militar. Nesse período, a poesia sai de cena, integrando-se às linguagens do teatro, do cinema e da canção. E o golpe de 1964 produz o efeito de afastar definitivamente a classe média estudantil que integrava o CPC da entidade “povo”. Heloísa Buarque nota, citando Roberto Schwarz, que nesse momento uma anomalia se cria: mesmo com a ditadura, era a esquerda que possuía uma relativa hegemonia na cultura do país. E essa hegemonia se mantém até o final dos anos 1970 com a queda da ditadura, sendo financiada também pelo Estado (lembrando que foi nos anos 1970 que o estado passa a subsidiar o cinema e outros eventos culturais).

As lembranças desse período, para Alice, tinham muito mais conexões com a necessidade de uma mudança de comportamento do que propriamente uma mudança social:

Em 1964, que foi o ano do golpe militar, eu tinha 18 anos e uma infância e uma adolescência conturbada pra resolver na minha cabeça, então estava muito voltada para as questões pessoais. [...] E não estava prestando tanta atenção no que estava acontecendo no país, mas no dia daquelas passeatas de

"Marcha da Família com Deus pela Liberdade", o banco onde eu trabalhava dispensou os funcionários para que fôssemos à passeata. E eu fiquei no banco conversando com algumas amigas, quando o gerente voltou, ele quase nos demitiu, porque (e a culpa foi minha), eu o peitei na hora. Apesar de não estar atendida, eu tinha muito claro dentro de mim que aquela passeata era "Tradição, Família e Propriedade", uma coisa para nos manter nos padrões antigos de comportamento, e mesmo não me envolvendo com a coisa de militante, eu acreditava naquela visão da esquerda, de justiça social, tudo aquilo. Por outro lado, as pessoas da minha geração, que tinham esse discurso esquerdista, sempre me soou muito mais como aquela empolgação da juventude de querer transformar o mundo, aquela ilusão... sempre me pareceu pautado em uma ilusão de que era possível. Embora eu conjugasse com o mesmo desejo deles, nunca comunguei com a estratégia. A estratégia sempre me pareceu burra, aquela coisa heróica, tipo mártir, botando a cara pra bater... e não era desse jeito que daria para fazer [...] Por outro lado eu queria, acho que aquele sonho foi importante na nossa geração, porque naquela época mais de metade do mundo era socialista, então era viável... a impressão que a gente tinha é que o mundo inteiro seria socialista. Mas o socialismo que eu sonhava veio ter eco logo em seguida com a contracultura, porque era um socialismo com uma revolução de costumes embutida. Quer dizer, um outro tipo de comportamento relacional, que era pra mim a base de tudo. (Ruiz, 2006)

Ainda nesse período pós-golpe, o debate literário se desloca especialmente para a música popular, que conhece também os conflitos das diversas tendências dos movimentos: os remanescentes da arte revolucionária popular, como Geraldo Vandré, os próximos “intelectuais da canção como forma de resistência”, como Chico e Edu Lobo e os tropicalistas, representados por Caetano, Gil e Torquato Neto, entre outros. E é no Tropicalismo que explode a valorização poética e literária, inaugurando também a contracultura no país.

Referenciando-se por autores como o filósofo Herbert Marcuse e pelos poetas *beats* Allan Ginsberg e Lawrence Ferlinght entre muitos outros, e incorporando os princípios pedagógicos do Concretismo na poesia, os tropicalistas desconfiavam da esquerda e de seu projeto de tomada de poder, “valorizando a ocupação dos canais de massa, a construção literária das letras, a técnica, o fragmento, o alegórico, o moderno e a crítica de comportamento”. (Hollanda, 2004:63-64)

Com a contracultura, o desbunde, o rock, a liberação sexual, as drogas e as propostas anarquistas somados à descrença com a esquerda (*é essa a juventude que quer tomar o poder?*²), a direita (fascista e consumista) e com o socialismo instituído nos países comunistas (também totalitários), começa a se delinear o desinteresse pela política em suas formas conhecidas,

² A sempre lembrada frase proferida por Caetano Veloso quando vaiado pelas esquerdas na apresentação da canção *É Proibido Proibir*, no III Festival Internacional da Canção, em 1968. *Proibido Proibir* era também uma das palavras de ordem da Contracultura.

trazendo uma mudança no foco e nas preocupações desses grupos, um “remapeamento da realidade” (Hollanda, 2004:75).

A identificação de desloca do povo para as minorias, para a negação de todas as formas de poder, entre pais e filhos, negros e brancos, homens e mulheres. A negação da ciência como “verdade universal” e a valorização do autoconhecimento, seja através da terapia ou do misticismo, é o que passa a “fazer a cabeça” desse grupo.

É nesse momento pós-tropicalista somado à contracultura que a poesia, fragmentada pelo movimento, transforma-se na procura do *outro*. É onde o conflito entre as gerações se acirrou, porque mesmo se referenciando e optando também por signos da geração de seus pais, mesmo considerando que em outros momentos muitos daqueles signos já haviam despontado, como nota Irene Cardoso, as mudanças comportamentais foram muito profundas. Foi nesse ingresso para os anos 1970 que para Alice, as coisas começaram a fazer sentido:

[...]a coisa da contracultura pra mim foi fundamental na forma como eu conduzi minha vida naqueles anos, como conduzi meu casamento, como conduzi minha relação com os amigos, como eu conduzi minha relação com o consumo... até hoje eu não compro a prazo, por exemplo. Até hoje eu não aceito esse sistema que te obriga a ficar preso a um emprego cumprindo horário, a um papel, a cargos, coisas que não somos nós [risadas, apontando para nós duas], por conta de um cartão de crédito que você está sempre jogando pra frente o dinheiro que você vai gastar, portanto, que você é obrigado a ganhar. E eu até hoje me recuso a isso. E por conta disso eu pude viver daquilo que eu amo fazer, que é a poesia. (Ruiz, 2006)

É nessa época que Alice começa a se aprofundar nos estudos feministas e a escrever artigos para jornais e revistas:

E, como tudo para mim vira palavra, eu comecei a escrever as conclusões a que chegava. E publiquei uma série de ensaios na época sobre a condição da mulher, sobre os estudos que eu fazia da condição da mulher. (Ruiz, 2006)

Em um de seus primeiros artigos, datado de 1973, a poeta criou um “diálogo de surdos” entre duas gerações que aos poucos se afina, mostrando nessa conversa o conflito e, ao mesmo tempo, uma possível compreensão da necessidade de mudanças:

- Na minha casa não tem essa de “nova mulher”, lugar delas é na cozinha. E não me venham de histórias: desde a pré-história tem sido assim. Queimei as pestanas pelo bem-estar da família e veja no que deu: a mulher reclama atenção dizendo que se sente como um fantasma dentro da própria casa e os guris só querem saber dessa tal curtição. Essa geração já degenerou. Os netos, talvez...

- Parece que a nós...

- Os rapazes de hoje não ouvem mais o que a gente fala. Ficam por aí inventando moda. A linguagem deles não tem pé nem cabeça e não adianta

gastar o latim, entra por um ouvido e sai por outro, sai bem mais em conta mandar calar a boca

- *gatas borralheiras da casa foi...*

- *Aonde você pensa que vai com essa roupa? Eu não te criei para jogar na boca do povo. Recato e decência nunca fizeram mal a uma moça. E tome nota do dia de hoje e pode ir metendo a viola no saco que enquanto eu viver não vou mais permitir essas liberdades.*

- *entregue a solução dos conflitos das gerações. Recolhidas...*

- *Como é que você pode ser livre se não deixa sua mãe se libertar? Na outra encarnação se eu pudesse escolher queria ser homem. Eu queria nem que fosse por uma hora. Homem tem liberdade, só que também tem compromisso, não é?*

- *aos bastidores desde que o mundo é mundo, aprendemos a ler nas entrelinhas enquanto os homens dizem a última...*

- *Há muito mal-entendido se fazendo passar por comunicação. O senhor, por exemplo, não está confundindo estar atualizado com render tributo ao “mito da modernidade”?*

- *palavra. “Uma nova linguagem nasce da necessidade de expressar uma nova maneira de ser”. A palavra...*

- *Vamos e venhamos, num diálogo de surdos, não se chega a uma linguagem comum.*

- *é o termômetro das transformações. Qualquer mulher...*

- *Não vem de lance careta pro meu lado, não tem grilo nenhum, eu estou numa boa, podes crer. Para transar comigo, tem que cortar tudo que já era e partir para uma outra jogada.*

- *que já ensinou o bê-a-bá a um filho, sabe que não é uma questão de dar tempo...*

- *O que você vai ser quando seu filho crescer?*

- *ao tempo para deixar passar a onda!*

- *Nunca houve na história tanta gente querendo mudar, tantos procurando na origem a solução, tentando com novas palavras um novo método de relacionamento. O que estão começando a dizer, é bom prestar atenção, não é só mais uma língua artificial fadada ao fracasso. Tem gente começando a sentir junto.*

- *Essa moda vai pegar. (Ruiz, 1973)*

Os artigos de Alice nesse período são marcados pela percepção de que a cultura era masculina, e que tudo o que se dizia como referente à mulher ou sobre a mulher trazia o peso dessa cultura à qual não pertencia. Criticava abertamente e ferozmente qualquer tentativa de manipulação, como quando responde a um dos vários artigos machistas de Millor Fernandes, reativos ao feminismo, onde ele afirmava que a mulher era um bicho com inveja do Tamanduá:

Descobre-se então que a toda a sua genialidade se equilibra sobre o resto do povo brasileiro. Só a inferioridade alheia pode alimentá-lo, e é por isso que a sua inteligência começa a apresentar sintomas de raquitismo [...] O racista, sexista e reacionário, não entendeu Yoko, não entendeu o Banco das Mulheres, não entendeu Françoise Giraud, não entendeu a mulher e dá pra duvidar que tenha entendido o que é ser homem. (Ruiz, 1976)

A poeta escrevia sobre o que a incomodava nas relações entre os gêneros, não poupando críticas nem mesmo às pessoas que admirava, como aconteceu com Caetano Veloso, amigo do casal Ruiz-Leminski, quando ele afirmou, em uma entrevista para a revista Nova que a mulher seria inferior ao homem, física e mentalmente. Alice devolveu as considerações no artigo “Carta Aberta a Caetano” (Ruiz, 1981). Sua proposta neste período era dizer tudo o que acreditava absurdo em relação às mulheres ou sobre o que se dizia a respeito delas. Para Alice, a construção era interminável:

A história foi feita pelos homens. E escrita por eles. Aliás, tudo foi escrito, analisado, estudado pelos homens. Inclusive as mulheres. Quer dizer, tudo que se fala e sabe sobre mulher foi dito pelos homens. Pelo menos, até uns poucos anos atrás. Faz muito pouco tempo que as mulheres escrevem. Talvez por isso nenhuma se debruçou tanto sobre a alma feminina quanto Machado de Assis, Flaubert, Balzac, Tolstói, entre centenas na literatura. Ou como você e Chico entre outros na nossa música. Somos Capitu, Gabriela, Carolina, Tigresa. Somos o que vocês disseram que somos. Em outras palavras, até o conceito de mulher é masculino, ou era, até recentemente. Os critérios são a visão do homem. Mas isso você colocou às mil maravilhas na entrevista quando disse: “nosso dever é criar novos critérios, esquecer os critérios, complexizá-los.” E isso não é mais um serviço para o super-homem. As mulheres, e, principalmente elas, precisam colaborar com a sua visão das coisas para acelerar esse processo de fundar uma nova ótica, especialmente sobre a própria mulher. Hay que equilibrar. O chato é que a mulher quando começa se pôr pra fora procurando descobrir e colocar a própria voz, sempre tem alguém que diz que ela está virando homem. (Ruiz:1981)

Na poesia tropicalista, novas reflexões são colocadas – o poeta é um guerreiro, e a poesia só se torna possível a partir da transformação pessoal desse guerreiro em suas relações com o sistema: a linguagem atua dentro dele e se opõe violentamente contra a ordem estabelecida.

Heloísa Buarque de Hollanda nos mostra nesse ponto como acontece uma transformação, *um ponto de passagem* (Hollanda, 2004:86) da sensibilidade erudita para uma nova forma, onde o *pop*, a bissexualidade e as drogas se entrecruzam numa sensibilidade anárquica. A fragmentação do real experimentada pelos poetas faz com que a cultura (saber e técnica) seja redimensionada pela loucura (percepção fragmentária). *O binômio Arte/Sociedade começa a se confundir com uma postura vitalista que definirá o binômio Arte/Vida. Mais do que um procedimento literário, a fragmentação, nesse grupo, é um sentimento de mundo, uma forma de comportamento.* (Hollanda, 2004:88)

A poesia pós-tropicalista, lembra a autora, se distingue da postura das vanguardas e da espontaneidade da produção marginal por sua injeção anárquica no construtivismo, por sua dualidade marcante e pela intervenção comportamental. Outro aspecto importante a se destacar nesse grupo é que seu experimentalismo vem marcado pela vivência e pela procura de uma

coerência entre produção intelectual e opção existencial. Visualmente, suas publicações são esmeradas no aspecto gráfico, ao contrário da produção em mimeógrafo e artesanal da poesia marginal.

Seguindo a *viagem* de Heloísa Buarque, chegamos finalmente à geração poética dos anos 1970, chamada “Marginal”, “Novíssima Poesia” ou simplesmente “Poesia dos Anos 1970”. A autora não deixa de anotar seu constrangimento ao tentar rotular a tamanha diversidade dessa nova poesia, constrangimento que também sentem os poetas dessa geração ao perceberem o denominador.

Com os anos 1970 as artes sofreram o que Heloísa chama de “segundo golpe”: a entrada da indústria cultural e a política do Estado para financiamento das manifestações de caráter nacional – a cultura se transforma em mercadoria com padrões “internacionais”, sofrendo profunda normatização. O fenômeno já citado de uma hegemonia cultural de esquerda ainda era a tônica no momento, e serão os herdeiros do Cinema Novo os primeiros beneficiários da política cultural do Estado.

Um novo público consumidor se forma em torno desse “mercado cultural politizado”, tido como resistência ao regime militar. No entanto, ainda referenciada pela contracultura, essa nova geração de poetas se coloca como resistência à normatização. Os autores assumem a venda e a produção artesanal de seus livros, que passam a ser comercializados em bares, praças, cinemas e esquinas das capitais.

Essa poesia se caracteriza pela consolidação do binômio Arte/Vida e a valorização do presente, do *aqui e agora*, sem se referenciar pelo futuro. A recusa às formas estabelecidas de conhecimento e a atitude antiintelectual são para a autora, outra forma de representar o mundo, *sinal de uma crítica mais ampla à ciência, à técnica e à noção de progresso* (Hollanda, 2004:111-112).

O cotidiano se transforma em arte, e a forma descrita pela autora dessa geração captar situações no momento em que estão sendo vividos, sentidos ou experimentados, aproximam-se muito à forma como Alice Ruiz, e também Paulo Leminski, tratam o haikai em suas obras: as regras da não participação do poeta são freqüentemente quebradas em favor da subjetividade no momento da poesia:

*ia sendo
não fosse entre nós
o extintor de incêndio*
(Ruiz, 1980:106)

*esta vida é uma viagem
pena eu estar
só de passagem*
(Leminski, 2000:134)

Apesar disso, encontramos também elementos do pós-tropicalismo na produção dos dois poetas – sem rotulações poéticas, Alice só se engajava na contracultura e no feminismo.

A primeira publicação de suas poesias acontece em 1979, pelas mãos de Décio Pignatari, na revista *Através*. Nos poemas selecionados para a revista, ficaram de fora os que invocavam a poética feminista da autora, incluídos em sua premiada estréia no início dos anos 1980 com o livro *Navalhanaliga*.

*alma de papoula
lágrimas para as cebolas
dez dedos de fada
caralho
de novo cheirando a alho
(Ruiz, 1980:28)*

*sou uma moça polida
levando
uma vida lascada

cada instante
pinta um grilo
por cima
da minha sacada
(Ruiz, 1980:10)*

*nada na barriga
navalha na liga
valha
(Ruiz, 1980:17)*

*às vezes
vem a certeza*

*a vida agora
já foi vivida*

*era uma vez
uma menina
descobrimo a rotina
(Ruiz, 1980:14)*

Mais de trinta anos depois do início da produção de seus artigos, acredito que Alice subjetivou o discurso feminista em suas práticas:

Eu acho que em todo militante, enfim, sempre que a gente está apaixonado por uma causa, perdemos a visão do todo, e da complexidade envolvida. A paixão é burra, a questão é essa. Sem a paixão a gente não iria pra frente, mas, ao mesmo tempo, quando você está totalmente envolvido num processo você limitado por ele. O pensamento obsessivo nos limita a compreensão. Eu era tão envolvida com a questão feminina que, facilmente, me deixava levar por provocações. Acho que se desenvolveu, em mim, mesmo à minha revelia, uma antena defensiva. Me dou bem com todo mundo o tempo inteiro, sou da paz, mas mexeu no meu calo reajo muito rápido. Acho que isso se deve um pouco a essa conscientização da situação da mulher de que, tanto claramente, como em pequenos e discretos gestos, pode estar embutida uma manipulação de relações. (Ruiz, 2006)

Ao mesmo tempo em que seu discurso e sua percepção se transformaram com o feminismo, a poeta sente que aqueles anos tiveram seu preço: *a sensação de não compartilhar*, apesar de a construção de sua subjetividade ter também se formado no intenso compartilhamento de idéias e experiências desses anos:

Hoje os jovens têm um relacionamento muito mais igualitário. Os papéis, dos homens e mulheres de hoje, os jovens... estão mais misturados. A virgindade já não é mais uma exigência, quase que é uma exigência do contrário. No trabalho, as oportunidades são melhores, nas faculdades... não que resolva muito, mas as mulheres têm mais acesso à cultura. E as relações se dão de uma forma muito mais equilibrada: ambos trabalham, ambos cuidam da casa, ambos estudam, enfim... Por outro lado, a quantidade de gente solitária da minha geração, hoje, é enorme... Para que essas relações mudassem, para que as relações entre os casais mudassem, acho que nós desgastamos muito as nossas próprias relações, enfrentamos muitos conflitos, e aí aumentou a quantidade de pessoas solitárias. Principalmente mulheres, porque os homens mais velhos ainda encontram mulheres mais novas, que não tiveram experiência suficiente para enfrentar e vencer os padrões manipuladores das relações. Isso, lamentavelmente, não mudou: a mulher por amor ainda se submete a algumas pressões que os homens não. Muito casamento acabou por conta dessa revolução. Nós fizemos isso. Mas não me arrependo, mesmo porque aprendi a viver sozinha muito bem, mas muitas mulheres ainda não. Viver sozinha é um aprendizado complicado.

Por conta disso também eu acho que o homossexualismo passou a ser muito mais aceito do que era. Eu me lembro de amigos da minha idade, jovens, que resolveram sair na rua de batom, de brinco, e assumir a sua homossexualidade e sofreram demais, porque era pioneiro. Você podia fazer e ser o que você quisesse desde que ninguém soubesse. Enfrentar a hipocrisia, tentar acabar com ela... os pioneiros pagaram um preço muito alto por isso, também. Não quero dar a impressão que é uma geração mártir, nós não tínhamos idéia de que o preço seria tão alto na época. Mas melhorou... as novas relações são melhores do que as dos nossos pais, e não se tem mais que dar murro em ponta de faca, como nós fizemos, para conseguir se relacionar mais equilibradamente. Não conseguimos tanto quanto tentamos e tanto quanto acreditamos que íamos conseguir, mas conseguimos muito. Eu gosto muito de nós - tenho muito orgulho de pertencer a essa geração. (Ruiz, 2006)

É difícil não relacionar o feminismo em Alice Ruiz como referenciado por sua experiência com a contracultura. É certo que num primeiro momento ocorreu uma busca de uma verdade sobre si que poderia estar fora, nos grupos, movimentos ou terapias. Mas a noção e a percepção do *outro* como único em sua especificidade e criatividade promoveu também a percepção e o cuidado de *si*. Alice percebeu, como também o fizeram muitas outras mulheres nesses tempos, seu próprio reflexo no olhar do outro, e se construiu feminista buscando a coerência entre palavra e ação, discurso e prática. *Temos que olhar para dentro dos olhos do outro. E aí, na pupila do outro, poderemos nos ver: a pupila serve como um espelho. E, da mesma maneira a alma se contempla a si mesma numa outra alma (ou no elemento divino de outra alma), que é como sua pupila, reconhecerá seu elemento divino* (Dreyfus; Rabinow, 1995). Seria esse *um* que só o *dois* inaugura o reconhecimento do nosso elemento divino no olhar do outro?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras citadas

- CARDOSO, Irene. 2005. "A geração dos anos de 1960" in <<*Tempo Social, revista de sociologia da USP*>>, v. 17, n.2. São Paulo: EDUSP.
- DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. 1995. "Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow" in *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. 2004. *Impressões de Viagem: CPC, vanguarda e desbunde - 1960/70*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- JENKINS, Keith. 2001. *A História Repensada*. São Paulo: Editora Contexto.
- LEMINSKI, Paulo. 2000. *La Vie em Close*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- MORENO, Joyce Silveira; HECKER, Monique. 1994. "Stone washed" in CD *Reverendo Amigos* (EMI-Odeon).
- RUIZ, Alice. 1973. "Papo" in *O Estado do Paraná*, 02/09/1973 (anotação de data e publicação em recorte).
- RUIZ, Alice. 1976. "De mal a Millor" in: *O Estado do Paraná* de 30/05/1976
- RUIZ, Alice. 1980. *Navalhanaliga*. Curitiba: ZAP.
- RUIZ, Alice. 1981. "Carta Aberta a Caetano" in <<*Quem*>>. Curitiba (data provável, o texto está no acervo pessoal de Alice, em formato de recorte, sem os dados da publicação, no entanto ela cita um trecho da canção "Jeito de Corpo", de Caetano Veloso, lançada em 1980, um pouco antes do artigo).
- RUIZ, Alice. 1984 Pelos Pêlos. Editora Brasiliense: Série Cantadas Literárias: São Paulo.
- RUIZ, Alice. 1995. "Nua no Espelho" in <<*Marie Claire*>> nº 37, de Abril de 1995. São Paulo: Editora Abril.
- RUIZ, Alice. 1996. *Desorientais*. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- Ruiz, Alice. 2005. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 18 de janeiro.
- RUIZ, Alice. 2006. Entrevista concedida à autora em São Paulo, em 11 de abril.
- SIRINELLI, Jean-François. 1998. "A geração" in *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

Bibliografia de apoio

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (ORG.). 1998 *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- ARTIÈRES, Philippe. 1998. "Arquivar a própria vida" in: *Revista de Estudos Históricos nº. 21: Arquivos Pessoais*. Rio de Janeiro: CPDOC: FGV.
- CARDOSO, Irene. 1999. "Há uma herança de 1968 no Brasil?" in *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil / França / Alemanha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,.
- COHN-BENDIT, Dany. 1986. *Nous l'avons tant aimée la revolution*. Paris: Éditions Bernard Barrault.
- DIAS, Lucy. 2003. *Anos 70: enquanto corria a barca*. São Paulo: Editora Sena São Paulo.

- FOUCAULT, Michel. 2001. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- FOUCAULT, Michel. 2003. *Ditos & Escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel. 2004. *Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FOUCAULT, Michel.. 2001. *História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (ORG.). 1999. *Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil / França / Alemanha*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- GASPARINI, Elio; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; VENTURA, Zuenir. 2000. *Cultura em trânsito – da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque. 1994. *Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura*. (ORG.) Rio de Janeiro: Rocco.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. 1982. *Poesia Jovem – Anos 70*. São Paulo: Editora Abril.
- KURLANSKY, Mark. 2005. *1968: o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- NOVAES, Adauto (ORG.). 2005. *Anos 70: ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Aeroplano: Editora Senac Rio.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. 1983. *O que é contracultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- RAGO, Margareth. 2002. “Libertar a História” in: *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A.
- RAGO, Margareth. 1998. “Epistemologia feminista, gênero e história” in: *Masculino Feminino Plural*. Org. Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi. Florianópolis: Editora Mulheres.
- RAGO, Margareth. 2004. “Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos” in: *Poéticas e políticas feministas*. Org. Cláudia de Lima Costa e Simone Pereira Schmidt. Florianópolis: Editora Mulheres.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (ORG.). 2002. *Imagens de Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: DP&A.
- REIS, Daniel Aarão; MORAES, Pedro. 1998. *68: a paixão de uma utopia*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- ROSZAK, Theodore. 1972. *A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Ruiz, Alice. 1983. *Paixão Xama Paixão*. Edição independente: Curitiba.
- Ruiz, Alice. 1988. *Vice Verso*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- SCOTT, Joan Wallace. “Fantasy Echo: História e a Construção da Identidade”, tradução de Fernanda Soares. In: *Labrys, Estudos Feministas*. Brasília: Montreal: Paris: Estudos Feministas, nº 1-2., Julho/Dezembro de 2002 (<http://www.unb.br/ih/his/gefem>)